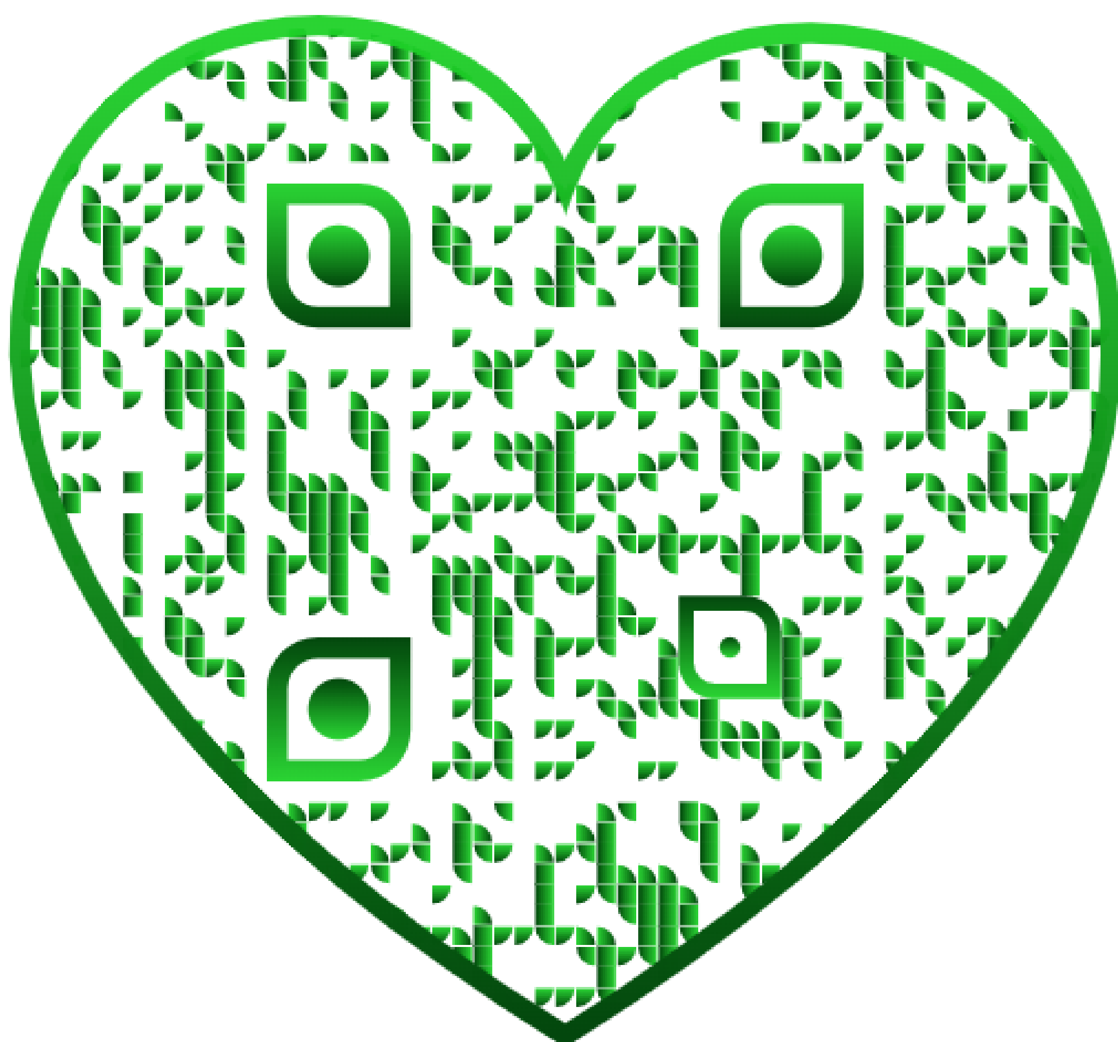
Arthur Conan Doyle

A Casa Vazia



O assassinato do honorável Ronald Adair, ocorrido na primavera de 1894, em estranhas e inexplicáveis circunstâncias, despertou o interesse de toda a cidade de Londres, deixando consternados os meios elegantes. O público conhece os pormenores que vieram à luz nas investigações policiais, mas muita coisa ficou oculta naquela época, pois as acusações eram tão graves e evidentes que era pouco aconselhável divulgar todos os fatos. Somente agora, quase dez anos mais tarde, é que me é permitido apresentar os elos que faltaram e que completam a extraordinária cadeia. O crime em si era interessante, mas esse interesse nada significava para mim, comparado com a sua inconcebível seqüência, que me causou o maior choque e a maior surpresa de toda a minha vida aventurosa. Mesmo agora, após tão longo intervalo, vibro ao pensar nisso e me sinto de novo invadido por uma torrente de alegria, espanto e incredulidade.

Ao público que se interessou pelas informações que de vez em quando eu dava a respeito dos pensamentos e ações daquele homem extraordinário, quero dizer que não deve me censurar por não ter compartilhado tudo com ele. Teria sido esse o meu primeiro dever, se não

houvesse expressa proibição, formulada pêlos lábios daquele homem - proibição que foi levantada no dia 3 do mês passado.

É fácil imaginar que a minha intimidade com Sherlock Holmes me fizesse tomar grande interesse pelo crime em geral e que, após o desaparecimento do meu amigo, eu nunca deixasse de ler com cuidado os vários problemas levados a público. Mais de uma vez, para meu gozo pessoal, tentei empregar os métodos de Holmes e solucionar tais problemas, embora sem resultado.

Nenhum me atraiu tanto como a tragédia de Ronald Adair. Ao ler no inquérito os depoimentos que levaram ao veredicto: "assassinato cometido por pessoa ou pessoas desconhecidas", compreendi mais do que nunca que perda fora para a sociedade a morte de Sherlock Holmes. Havia, no estranho caso, pontos que certamente o teriam atraído - e o trabalho da polícia teria sido auxiliado, ou mais provavelmente, antecipado, pela experiente observação e a inteligência desperta do maior criminalista da Europa. Nesse dia, enquanto fazia as minhas visitas, pensei demoradamente no caso, não encontrando explicação adequada. Embora corra o risco de contar uma história pela segunda vez, vou

recapitular os fatos que se tornaram do domínio público no final do inquérito.

O honorável Ronald Adair era o segundo filho do conde de Maynooth, na ocasião governador de uma das colônias australianas. A mãe de Adair viera da Austrália para ser operada de catarata. Ela e seus filhos Ronald e Hilda moravam no número 427 da Park Lane. Os dois jovens freqüentavam a melhor sociedade; ao que constava, não tinham inimigos, nem vícios. Ele estivera noivo da srta. Edith Woodiey, de Carstairs, mas o noivado fora desfeito meses antes, de comum acordo, e não havia motivo para se supor que existisse ressentimento. Quanto ao resto, o rapaz freqüentara um círculo estreito e convencional, pois tinha hábitos moderados e temperamento calmo. Apesar disso, a morte apresentou-se a esse jovem aristocrata de maneira estranha e inesperada, entre as dez e as onze e vinte, na noite de 30 de março de 1894.

Ronald Adair era aficionado pelas cartas e jogava com freqüência, mas não de maneira que pudesse prejudicá-lo. Era sócio dos clubes Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Ficou provado que no dia da sua morte jogara *whist* no Bagatelle, depois do jantar. Também jogara ali à tarde. Soube-se, pelo depoimento do sr. Murray, de Sir John Harday e do

coronel Moran, que o jogo fora *whist* e que houvera certo equilíbrio na sorte. Adair perdera mais ou menos cinco libras. Possuidor de enorme fortuna, esse prejuízo em nada poderia afetá-lo. Tinha jogado todos os dias, num ou noutro clube, mas era cauteloso e em geral saía com lucro. Ficou provado que, como parceiro do coronel Moran, chegara a ganhar quatrocentas e vinte libras numa sessão, algumas semanas antes, de Godfrey Milner e Lorde Balmoral. Esses fatos eram recentes, pelo que se soube no inquérito.

Na noite do crime, ele voltou do clube exatamente às dez horas. Sua mãe e sua irmã tinham ido visitar uns parentes. A criada declarou que o ouvira entrar na sala da frente, no segundo andar. Ela acendera o fogo nessa sala, e, devido à fumaça, abrira a janela. Não fora ouvido o menor ruído até as onze e vinte, hora a que voltaram a dona da casa e sua filha. Desejando dizer boa-noite ao filho, Lady Maynooth tentara entrar no seu quarto. Estava fechado por dentro, e não houve resposta quando bateram e chamaram. Pediram socorro, e a porta foi arrombada. O infeliz rapaz estava caído perto da mesa. Fora horrivelmente mutilado por uma bala explosiva, mas não se encontrou arma alguma no aposento. Na mesa

estavam duas notas de dez libras, assim como dezessete libras e dez xelins em moedas de prata e de ouro, dispostas em pequenas pilhas. Havia também algarismos numa folha de papel, com os nomes de alguns amigos do clube, donde se deduziu que estivera, antes de morrer, tentando verificar seus lucros ou prejuízos no jogo.

Um exame minucioso do caso tornou-o ainda mais complexo. Em primeiro lugar, não havia razão para o rapaz ter fechado a porta por dentro. Havia a possibilidade de ela ter sido fechada pelo assassino, que poderia ter fugido pela janela. Mas era uma queda de sete metros, e embaixo havia um canteiro de açafroes em pleno florescimento. Nem as flores nem a terra pareciam ter sido pisadas, e não havia marcas na estreita faixa de relva que separava a casa da rua. A julgar pelas aparências, fora o próprio rapaz que fechara a porta. Mas como fora ele morto? Ninguém poderia ter galgado aquela janela sem deixar vestígios. Mesmo supondo-se que alguém tivesse feito pontaria pela janela, era necessário que se tratasse de um ótimo atirador para causar tal ferimento. Além disso, a Park Lane é muito freqüentada, e havia um estacionamento de carros a cem metros da casa. Ninguém ouvira o tiro. E, no entanto, lá estava o morto, bem como a bala,

achatada como todas as balas de ponta macia, provocando um ferimento que devia ter causado morte instantânea. Eram essas as circunstâncias do mistério da Park Lane, complicadas pela total ausência de motivo, já que, como dissemos, o jovem Adair não parecia ter inimigos e não houvera tentativa de roubo de dinheiro, ou de objetos de valor.

Durante o dia todo, pensei nesses fatos, procurando encontrar uma teoria que os explicasse, ou descobrir a linha de menor resistência, que, na opinião do meu pobre amigo Holmes, era o ponto de partida de qualquer investigação. Confesso que fiz poucos progressos. À tarde, caminhei pelo parque, e, às seis horas, vi-me na extremidade da Park Lane que dá para a Oxford Street.

Um grupo de curiosos na calçada, todos olhando para uma determinada janela, indicou-me a casa que eu havia ido ver. Um homem alto e magro, de óculos escuros, que desconfiei fosse um policial à paisana, expunha uma teoria de sua autoria às pessoas que se agrupavam para ouvi-lo. Cheguei o mais perto possível, mas as observações me pareceram absurdas, de modo que me afastei, aborrecido. Ao fazê-lo, esbarrei num homem velho e disforme, que estava atrás de mim, e derrubei

vários livros que ele levava. Lembro-me de que, ao erguê-los, notei o título de um deles, *The origin of tree worship*, e ocorreu-me que o sujeito devia ser um pobre bibliófilo, que, por profissão ou mania, colecionava volumes obscuros. Procurei desculpar-me, mas era evidente que aqueles livros, que eu tivera a infelicidade de derrubar, eram preciosos aos olhos do dono. Ele se virou com um rosnar de desprezo, e a corcunda e as suíças brancas desapareceram no meio da multidão.

Minhas observações sobre o número 427 da Park Lane não me ajudaram a elucidar o problema que me interessava. A casa era separada da rua por um muro baixo, com grade, não tendo o conjunto mais do que um metro e meio de altura. Seria portanto muito fácil a qualquer pessoa entrar no jardim. Mas a janela era inacessível, uma vez que não havia condutor de água ou qualquer outra coisa que pudesse ajudar o mais ágil dos homens a galgá-la. Cada vez mais perplexo, voltei para Kensington. Não havia ainda cinco minutos que entrara no meu escritório, quando a criada veio me avisar que alguém queria me ver. Notei, com surpresa, que era o estranho colecionador de livros, de rosto enrugado sob os cabelos brancos, carregando os

preciosos volumes, no mínimo doze, sob o braço direito.

- Está admirado de me ver aqui, senhor? - perguntou ele com um grasnar estranho.

Respondi que realmente estava.

- Pois bem, mas é que eu tenho consciência, e, ao vê-lo entrar nesta casa, quando vinha atrás do senhor, disse a mim mesmo que ia entrar e dizer-lhe que, se me mostrei um tanto brusco, foi sem querer e que lhe estou grato por ter apanhado os meus livros.

- Está dando muita importância ao incidente - disse eu. - Posso perguntar como soube quem eu era?

- Pois bem, senhor, se acha que estou tomando excessiva liberdade, dir-lhe-ei que sou seu vizinho; minha livrariazinha fica na esquina da Church Street, onde terei muito prazer em vê-lo, pode ficar certo. Talvez o senhor também seja colecionador, e tenho aqui *Pássaros britânicos*, *Catulo* e *A Guerra Santa* - cada um deles uma pechincha! Com cinco volumes o senhor poderia preencher aquele espaço, na segunda prateleira. Dá um ar de desordem, não é verdade, senhor?

Virei a cabeça e olhei para a estante atrás de mim. Quando tornei a me virar, Sherlock Holmes

me encarava sorrindo, do outro lado da escrivaninha. Ergui-me de um salto, olhei-o durante alguns segundos, completamente atônito, e parece que desmaiei pela primeira e última vez na minha vida. Não há dúvida de que uma nuvem cinzenta dançou diante dos meus olhos, e, quando recuperei os sentidos, vi que meu colarinho fora desabotoado e senti na boca um gosto de conhaque. Holmes estava inclinado sobre a minha cadeira, de frasco na mão.

- Caro Watson, peço-lhe mil perdões - disse a tão conhecida voz. - Não imaginei que ficasse tão abalado.

Agarrei-o pelo braço.

- Holmes! - exclamei. - É você mesmo? Será possível que esteja vivo? É verdade que conseguiu sair daquele pavoroso abismo?

- Espere um momento! - disse ele. - Tem certeza de que está em estado de discutir os fatos? Causei-lhe um choque sério com a minha aparição desnecessariamente dramática.

- Estou bem, mas, francamente, Holmes, mal posso acreditar nos meus olhos. Deus do céu, pensar que você, você, dentre todos os homens, está aqui no meu escritório!

- Agarrei-o de novo pela manga e senti-lhe o braço fino e nervoso. - Bom, em todo caso, não é espírito. Caro amigo, estou radiante por revê-Io. Sente-se e conte-me como saiu vivo do horrível precipício.

Ele se sentou diante de mim e acendeu um cigarro, com aquele seu jeito despreocupado. Vestia o mesmo terno velho do vendedor de livros, mas as outras características daquele indivíduo estavam em cima da mesa, juntamente com a cabeleira branca e a pilha de livros. Holmes parecia mais magro e mais astuto do que antigamente, mas havia no rosto aquilino uma palidez que indicava não ter levado vida sadia ultimamente.

- Estou satisfeito por poder me esticar novamente, Watson - disse ele. - Não é brincadeira, para um homem alto, ter de diminuir sua estatura trinta centímetros durante horas a fio. Agora, caro amigo, quanto às explicações: se quiser me dar a sua cooperação, temos uma noite dura e perigosa à nossa frente. Talvez seja melhor eu lhe relatar os fatos depois desse trabalho terminado.

- Estou curiosíssimo. Prefiro ouvi-lo agora.

- Vai me acompanhar hoje à noite?

- Quando quiser e aonde quiser.

- Como antigamente, então. Temos tempo para um jantarzinho, antes de partir. Pois bem, quanto ao abismo... não tive dificuldade em sair dele pela simples razão de nunca ter estado lá.

- Nunca ter estado lá?

- É verdade, Watson, a pura verdade. O bilhete que lhe escrevi foi sincero. Não duvidei que tivesse chegado ao fim da minha carreira, quando vi o vulto sinistro do falecido professor Moriarty, de pé, na estreita vereda que o levava para junto de mim. Li nos seus olhos cinzentos uma resolução inexorável. Troquei com ele algumas palavras e obtive a sua amável permissão para lhe escrever, Watson, o bilhete que você mais tarde recebeu. Deixei-o juntamente com minha cigarreira e minha bengala e segui pela vereda, com Moriarty no meu encalço. Quando cheguei ao fim, ambos paramos. Ele não sacou arma alguma, mas correu para mim e rodeou-me com os seus longos braços. Sabia que para ele não havia esperança e queria se vingar. Lutamos à beira do precipício. Mas conheço um pouco de *baritsu*, um tipo de luta japonesa que mais de uma vez tem me valido. Consegui me libertar. Com um grito horrível, ele esperneou durante alguns segundos, como se procurasse agarrar o ar com ambas as mãos, mas, por mais que se

esforçasse, não recuperou o equilíbrio e caiu no precipício. Vi-o durante muito tempo. Depois bateu numa rocha e desapareceu na água.

Ouvi com espanto essa explicação, que Holmes me deu enquanto fumava.

- Mas, e as marcas! - exclamei. - Vi, com os meus próprios olhos, pegadas de duas pessoas indo e nenhuma de regresso.

- Vou lhe contar. No momento em que o professor desapareceu, ocorreu-me que eu tinha tido uma sorte extraordinária. Sabia que Moriarty não era o único que jurara me matar. Havia pelo menos mais três cujo desejo de vingança se acentuaria com a morte do chefe. Eram todos homens perigosíssimos. Um deles acabaria por me apanhar. Por outro lado, se o mundo inteiro estivesse convencido de que eu morrera, aqueles homens ficariam à vontade, e, cedo ou tarde, eu teria oportunidade de destruí-los. Seria, então, hora de anunciar que eu ainda pertencia ao mundo dos vivos. A mente raciocina com tal rapidez, que tudo isso me ocorreu antes mesmo de o professor Moriarty ter chegado ao fundo das quedas de Reichenbach.

"Levantei-me e examinei o rochedo atrás de mim. Na sua pitoresca descrição do incidente, que li

meses mais tarde, você assegura que a rocha era escarpada. Não é bem verdade. Havia alguns pontos de apoio para os pés e a ligeira indicação de uma saliência. O rochedo era tão alto que parecia impossível galgá-lo todo, mas seria também impossível voltar pela vereda sem deixar sinais. Eu poderia, é claro, virar os sapatos, como já tenho feito noutras ocasiões, mas a impressão de três grupos de pegadas na mesma direção certamente despertaria suspeitas. Em suma, era preferível arriscar-me a subir. Não foi agradável, Watson. A catarata rugia a meus pés. Não sou pessoa imaginosa, mas garanto-lhe que tinha a impressão de ouvir a voz de Moriarty gritando do fundo do abismo. Um erro teria sido fatal. Mais de uma vez, quando um tufo de relva me ficou nas mãos, ou o pé me escorregou nas fendas úmidas da rocha, pensei que chegara ao fim. Mas continuei o esforço da subida e finalmente alcancei uma plataforma de alguns metros de profundidade, coberta por relva úmida, onde pude descansar sem ser visto, com todo o conforto. Estava estendido ali quando você, caro Watson, e todos os seus acompanhantes investigaram minha morte da maneira mais amiga e eficiente que se poderia imaginar.

“Finalmente, depois de terem chegado às inevitáveis e completamente errôneas conclusões, você voltou para o hotel, e eu me vi de novo só. Pensei que tivesse chegado ao fim das minhas aventuras, mas uma ocorrência extraordinária me provou que ainda me esperavam surpresas. Uma pedra enorme, vinda de cima, passou por mim e foi cair no precipício. Pensei por um momento que fosse acidente, mas, segundos depois, olhando para cima, vi a cabeça de um homem contra o céu sombrio, e outra pedra bateu na própria saliência onde eu me achava, bem perto da minha cabeça. Não havia dúvida quanto à intenção. Moriarty não estava só. Um cúmplice - e aquele olhar de relance me provou o quanto ele era perigoso - ficara de atalaia enquanto o professor me atacava. De longe, sem que eu o visse, presenciara a morte do amigo e a minha fuga. Esperava então, e, dirigindo-se ao cume do rochedo, procurava vencer onde o chefe fora derrotado.

“Não levei muito tempo para tirar minhas conclusões, Watson. Vi novamente o rosto sinistro lá em cima e percebi que viria outra pedra. Comecei a descer para a vereda. Não creio que o tivesse conseguido a sangue-frio. Era cem vezes mais difícil descer do que subir. Mas não tive tempo para

pensar nas dificuldades, pois outra pedra passou por mim quando me dependurei, agarrando-me com as duas mãos à beira da saliência. A meio caminho, escorreguei, mas, com a ajuda de Deus, consegui chegar à vereda, ensangüentado e rasgado. Tratei de fugir. Caminhei dezesseis quilômetros pelas montanhas, no escuro, e uma semana mais tarde estava em Florença, certo de que ninguém no mundo poderia saber qual fora o meu fim.

“Tive apenas um confidente: meu irmão Mycroft. Devo-lhe mil desculpas, caro Watson, mas era absolutamente necessário que me considerassem morto, e tenho a certeza de que você não descreveria a minha morte de maneira tão convincente se nela não acreditasse. Muitas vezes, nos últimos três anos, peguei na pena para lhe escrever, mas temia sempre que a sua afeição por mim o levasse a qualquer ato indiscreto que traísse o meu segredo. Por esse motivo, afastei-me de você hoje, quando derrubou meus livros, pois no momento eu corria perigo, e qualquer sinal de emoção de sua parte poderia chamar a atenção para a minha pessoa e provocar as mais desastrosas conseqüências. Quanto a Mycroft, tive de confiar nele para obter o dinheiro de que necessitava. O curso dos acontecimentos, em Londres, não foi o

que eu esperava, pois o julgamento do bando de Moriarty deixou em liberdade dois dos seus mais perigosos membros e meus maiores inimigos. Viajei durante dois anos pelo Tibete, diverti-me visitando Lassa e passando uns dias com o dalai-lama. Você deve ter ouvido falar das notáveis explorações de um norueguês chamado Sigerson, mas aposto que nunca lhe ocorreu que estava tendo notícias deste seu amigo. Passei depois pela Pérsia, dei uma olhada em Meca, fiz uma visita interessante ao califa de Cartum, e comuniquei os resultados ao Ministério do Exterior. Ao voltar para a França, empreguei alguns meses na busca de derivados do alcatrão, num laboratório de Montpeilier, no sul da França. Tendo concluído satisfatoriamente o meu trabalho e sabendo que somente um dos meus inimigos ficara em Londres, dispus-me a voltar, mas resolvi me apressar, ao ouvir as notícias deste extraordinário mistério da Park Lane, que me atraiu não só pêlos seus próprios méritos como ainda porque pareceu me oferecer algumas peculiares oportunidades pessoais. Vim imediatamente para Londres, apresentei-me em pessoa na Baker Street, provoquei histeria na sra. Hudson e verifiquei que Mycroft conservara meus aposentos e meus papéis exatamente como eu os deixara. E foi assim, caro

Watson, que hoje, às duas horas, vi-me sentado na minha poltrona, no meu antigo quarto, desejando apenas poder ver o meu velho amigo Watson na outra cadeira, que ele tantas vezes ocupara."

Foi essa a extraordinária história que ouvi naquela noite de abril - narrativa que teria sido inacreditável se não fosse confirmada pela presença do homem alto e magro que eu pensara nunca mais tornar a ver. Ele soubera do meu desgosto e manifestou sua solidariedade, mais pela atitude de que por palavras.

- O trabalho é um antídoto para a tristeza, caro Watson - disse ele. - Tenho para nós dois, hoje à noite, um trabalho que, se for realizado com êxito, por si só justificaria a vida de um homem neste planeta.

Supliquei-lhe que me contasse mais alguma coisa.

- Você ficará sabendo o suficiente ainda antes do amanhecer - continuou Holmes. - Temos três anos do passado para discutir. Que isto baste até as nove e meia, hora em que daremos início à notável aventura da casa vazia.

Pareceu-me realmente que voltara ao tempo antigo, quando, àquela hora, vi-me sentado num carro ao lado dele, com um revólver no bolso e o

entusiasmo da aventura no coração. Holmes estava frio, severo e silencioso. Quando a luz dos lampiões brilhava no seu rosto austero, eu notava que tinha as sobrancelhas contraídas e os lábios cerrados. Não sabia que fera selvagem íamos perseguir na floresta do crime, mas, pela atitude do meu mestre, percebi que era um caso grave - e o sorriso sardônico, que de vez em quando surgia em seu rosto de asceta, augurava mal para o seu inimigo.

Pensei que nos dirigíssemos para a Baker Street, mas Holmes parou na esquina da Cavendish Square. Vi-o, ao descer, olhar cautelosamente de um lado para o outro; a cada esquina, dali por diante, tomou o mesmo cuidado, para ter certeza de que não estávamos sendo seguidos. Não há dúvida de que nosso itinerário era singular. Holmes tinha um extraordinário conhecimento dos atalhos de Londres, e eu o via agora enveredar com segurança por uma rede de terrenos e estrebarias de cuja existência eu jamais suspeitara. Finalmente entramos numa rua ladeada por casas velhas e sombrias, que nos levou à Manchester Street e depois à Blandford Street. Ali, enfiou-se rapidamente por uma viela estreita, passou por um portão de madeira e entrou num quintal deserto,

abrindo a porta traseira de uma casa. Entramos, e ele fechou a porta.

Estava escuro como breu, e era evidente que nos achávamos numa casa vazia. Nossos passos faziam ranger o soalho nu, e minha mão tocou uma parede onde o papel caía em tiras. Os dedos frios de Holmes se fecharam sobre o meu pulso, e ele me conduziu por um longo corredor, até que vi vagamente a luz dúbia que se filtrava pela bandeira da porta. Holmes virou subitamente para a direita, nos encontramos num aposento vazio, grande e quadrado, com sombras profundas nos cantos, mas vagamente iluminado no centro pela luz da rua. Não havia lâmpada perto, e a vidraça estava coberta de pó, de modo que mal nos víamos. Meu amigo me pôs a mão no ombro e os lábios perto do meu ouvido.

- Sabe onde estamos? - murmurou.

- Não há dúvida de que ali é a Baker Street - respondi, olhando através da janela.

- Exatamente. Estamos na Camden House, que fica defronte da minha casa.

- Mas por que estamos aqui?

- Porque temos uma ótima vista do pitoresco edifício. Peco-lhe que se aproxime da janela, caro Watson, tomando todas as precauções para não ser

visto. Olhe depois para nossos antigos aposentos - ponto de partida de tantas aventuras. Veremos se três anos de ausência anularam ou não o meu dom de surpreendê-lo.

Avancei cautelosamente e olhei para a conhecida janela. Quando meus olhos caíram sobre ela, mal pude conter uma exclamação de espanto. A cortina estava descida e uma luz forte brilhava no aposento. A silhueta de um homem sentado numa cadeira se desenhava fortemente no quadrado luminoso da janela. Não se podia deixar de reconhecer o equilíbrio da cabeça, a força dos ombros quadrados, a agudez dos traços. O rosto estava meio virado, e o efeito era o de uma daquelas silhuetas negras que nossos avós gostavam de emoldurar. Era uma perfeita reprodução de Holmes. Tão admirado fiquei, que estendi a mão para ter certeza de que meu amigo estava ao meu lado. Ele ria silenciosamente.

- Então? - perguntou.

- Deus do céu, é maravilhoso! - exclamei.

- Espero que nem a idade, nem o hábito façam com que desapareça o meu dom de infinita variedade - disse ele. Reconheci na sua voz o orgulho e o prazer que sente o artista com a própria criação. - Parece-se bastante comigo, não é verdade?

- Poderia jurar que é você.

- O mérito da execução pertence a M. Oscar Meunier, de Grenoble, que levou alguns dias fazendo o molde.

É um busto de cera. O resto arranjei eu mesmo durante minha visita à Baker Street, hoje à tarde.

- Mas por quê?

- Caro Watson, tenho as mais fortes razões para desejar que certas pessoas pensem que estou lá, quando na realidade me encontro noutro lugar.

- Acha que a sua residência está sendo vigiada?

- Tenho certeza de que está sendo vigiada.

- Por quem?

- Pelos meus antigos inimigos da encantadora sociedade cujo chefe repousa nas quedas de Rcichenbach. Lembre-se de que eles, e somente eles, sabiam que eu estava vivo. Devem ter calculado que, cedo ou tarde, eu voltaria para casa. Observaram-na constantemente, e hoje de manhã viram-me chegar.

- Como sabe disso?

- Porque reconheci a sentinela, quando olhei de relance pela janela. Era um sujeito mais ou menos inofensivo, chamado Parker, extraordinário tocador de gaita, magarefe de profissão. Pouca importância

lhe dou, mas dou muita à pessoa que está por trás dele, o amigo íntimo de Moriarty, aquele que atirou as pedras do alto do rochedo, o mais perigoso e mais astuto criminoso de Londres. É ele o homem que anda atrás de mim hoje à noite, Watson, o homem que nem de .longe desconfia que estamos atrás *dele*.

Os planos de meu amigo iam sendo revelados pouco a pouco. Daquele nosso cômodo retiro, os observadores estavam sendo observados e os perseguidores, perseguidos. A sombra angulosa lá adiante valia como isca, e nós éramos os caçadores. Ficamos em silêncio, juntos, no escuro, observando os vultos apressados que passavam e repassavam diante de nós. Holmes estava imóvel e silencioso, mas eu sentia que estava alerta, que os seus olhos se fixavam atentamente nos homens que passavam. Era uma noite feia e tempestuosa e o vento assobiava na rua. Muitas pessoas iam de um lado para outro, quase todas com capotes e echarpes. Uma ou duas vezes tive a impressão de ter visto a mesma pessoa, e notei particularmente dois homens que pareciam se abrigar do vento no vão de uma porta, a pequena distância. Procurei chamar para eles a atenção do meu companheiro, mas Holmes soltou uma exclamação de impaciência e continuou

olhando para a rua. Mais de uma vez moveu nervosamente os pés, batendo rapidamente com os dedos na parede. Evidentemente começava a ficar inquieto, e seus planos pareciam não sair a contento. Finalmente, quando era quase meia-noite e a rua ia gradualmente ficando deserta, ele começou a passear pelo quarto, parecendo muito agitado. Eu ia fazer uma observação, quando ergui os olhos para a janela iluminada e de novo senti a mesma surpresa de há pouco. Agarrei o braço de Holmes e apontei para cima.

- A sombra se moveu! - exclamei.

Na realidade não era o perfil e sim as costas que víamos agora.

Três anos não tinham amenizado o gênio de Holmes, nem lhe tinham dado mais paciência para com pessoas de inteligência menos viva que a dele.

- Claro que se moveu - replicou. - Julgava-me por acaso um desastrado, Watson, a ponto de colocar ali um boneco e esperar iludir um dos homens mais perspicazes da Europa? Há duas horas que estamos neste quarto, e a sra. Hudson mudou a posição do manequim oito vezes, uma a cada quinze minutos. Ela mexe nele pela frente, de modo que sua sombra nunca é vista. Ah!... - Aqui, Holmes teve uma exclamação excitada. Â luz dúbia,

vi sua cabeça se inclinar para a frente e ficar em atitude de rígida atenção. Aqueles dois homens ainda poderiam estar no vão da porta, mas agora eu não os via. Estava tudo escuro e silencioso, a não ser no quadrado iluminado à nossa frente, com a silhueta negra ao centro. Ouvi de novo o som sibilante e fino que em Holmes significava excitação reprimida. Um momento depois, ele me puxou para o canto mais escuro do quarto, e senti sobre os meus lábios a mão que pedia silêncio. Os dedos que me seguravam tremiam. Nunca vira meu amigo tão emocionado, embora a rua continuasse deserta e silenciosa à nossa frente.

Mas logo percebi o que os seus sentidos mais aguçados já haviam pressentido. A meus ouvidos chegou um som baixo, furtivo, vindo não da direção da Baker Street, mas da parte de trás da própria casa onde nos abrigávamos. Uma porta abriu-se e depois fechou-se. Minutos depois, passos no corredor - passos que queriam ser silenciosos, mas que ressoavam asperamente na casa vazia. Holmes se agachou contra a parede e eu fiz o mesmo, com a mão na coronha do revólver. Procurando perscrutar a escuridão, distingui o contorno de um homem, um vulto um pouco mais escuro do que o negrume da porta. Ele ficou parado por um instante; depois,

adiantou-se, agachado, ameaçador. Estava a três passos de nós, e eu me preparava para receber o ataque quando percebi que ele não fazia a menor ideia da nossa presença. Passou rente a nós, foi até a janela de mansinho e ergueu ligeiramente a vidraça. Ao se ajoelhar para ficar ao nível dessa pequena abertura, a luz da rua, livre agora do vidro embaciado, iluminou-lhe o rosto. O homem parecia fora de si de excitação. Seus olhos brilhavam como estrelas e suas feições estavam convulsas. Era um homem idoso, de nariz fino e proeminente, testa alta, com grandes entradas, e enorme bigode grisalho. Usava um chapéu alto, colocado atrás; a camisa, de peito duro, brilhava por entre o sobretudo desabotoado. O rosto era esquálido e moreno, com rugas profundas. Trazia na mão um objeto que parecia uma bengala, mas, quando o colocou no chão, ouviu-se um ruído metálico. Do bolso do sobretudo, tirou um objeto volumoso e empenhou-se numa tarefa que terminou com um dique forte, seco, como se uma mola ou um trinco tivessem sido acionados. Ainda ajoelhado, inclinou-se para a frente e atirou todo o seu peso como que sobre uma alavanca, ouvindo-se um ruído longo, triturante e rotativo, que acabou de novo num forte estalido. Endireitou-se então, e vi que o que tinha na

mão era uma espécie de espingarda, com uma coronha curiosamente deformada. Abriu a culatra, colocou nela qualquer coisa e engatilhou a arma. Depois, agachando-se, descansou a ponta do cano no peitoril da janela aberta. Vi o longo bigode cair sobre a coronha e os olhos brilharem, quando ele espreitou pela mira. Ouvi um suspiro de satisfação quando encostou o cano no ombro e viu aquele estranho alvo, a silhueta negra no quadrado amarelo, bem nítida na linha de tiro. Por um momento ficou rígido, imóvel. Depois, seu dedo comprimiu o gatilho. Ouviu-se um silvo alto, estranho, e um ruído de vidro partido. Nesse momento, Holmes pulou como um tigre sobre o homem, derrubando-o de bruços, no chão. O miserável ergueu-se imediatamente e, com força convulsa, agarrou Holmes pelo pescoço, mas eu bati em sua cabeça com a coronha do meu revólver e ele caiu de novo no chão. Atirei-me sobre ele e, enquanto o segurava, meu amigo fez soar um apito estridente. Ouvimos um ruído de pés sobre a calçada, e dois policiais fardados, com um detetive à paisana, passaram pela porta de entrada e irromperam no quarto.

- É você, Lestrade? - perguntou Holmes.

- Sim, sr. Holmes, eu próprio me encarreguei do caso. É um prazer vê-lo de novo em Londres.

- Creio que você precisa de um auxiliozinho extra-oficial. Três assassinatos sem solução num ano, Lestrade... é muita coisa! Mas você solucionou o mistério de Molesey com um pouco mais de habilidade do que de costume... isto é, você o solucionou com bastante habilidade.

Tínhamos nos erguido todos, o prisioneiro respirando ofegante, com um avantajado policial de cada lado. Alguns curiosos tinham se reunido na rua. Holmes foi até a janela e fechou-a. Lestrade apareceu com duas velas, e os policiais pegaram as suas lanternas. Finalmente pude ver bem o prisioneiro.

O rosto que nos encarava era extraordinariamente viril e sinistro. Testa de filósofo sobre uma boca sensual, o homem devia ter tido capacidade para o bem e para o mal. Mas ninguém poderia olhar para seus cruéis olhos azuis, de pálpebras cínicas e caídas, ou para o nariz agressivo, ou para a fronte ameaçadora, sem neles notar os mais nítidos sinais de um caráter perigoso. Não olhou para nenhum de nós. Tinha os olhos fixos em Holmes, com uma expressão de ódio e de espanto ao mesmo tempo.

- Demônio! - murmurou várias vezes. - Demônio de uma habilidade infernal!

- Ah, coronel! - exclamou Holmes, arrumando o colarinho. - “Termina a jornada com o encontro dos namorados”, conforme se dizia na peça antiga. Não creio que tenha tido o prazer de vê-lo desde que me obsequiou com sua atenção nas quedas de Reichenbach, quando eu me ocultava na saliência da rocha.

O coronel continuava a olhá-lo, como que em transe.

- Demônio de uma habilidade infernal! - Era só o que sabia dizer.

- Ainda não o apresentei - disse Holmes. - Este cavalheiro, senhores, é o coronel Sebastian Moran, do exército de Sua Majestade e o melhor caçador do império oriental. Creio que não me engano, coronel, ao afirmar que o número de tigres que abateu ainda não foi igualado, não?

O feroz velho nada dizia, continuando a fulminar o meu companheiro com o olhar. Com os olhos selvagens e o bigode eriçado, ele próprio parecia um tigre.

- Admiro-me que tão simples estratagema tenha iludido um *shikari* tão sabido - observou Holmes. - Devia ser seu conhecido. Será que nunca

pôs um boneco sob uma árvore, ficando em cima dela com a espingarda, esperando que a isca atraísse o tigre? Esta casa vazia é a minha árvore e o coronel, o meu tigre. Naturalmente o senhor tinha outras armas de reserva, caso viessem vários tigres, ou na hipótese pouco provável de errar a pontaria. Estes aqui - continuou Holmes, com um gesto circular - são as minhas outras armas. O paralelo é perfeito.

O coronel Moran pulou com um rosnar de cólera, mas os dois policiais o puxaram de novo para trás. A fúria em seu rosto era terrível.

- Confesso que tive uma pequena surpresa - continuou Holmes. - Não pensei que o senhor se servisse desta casa vazia e desta cômoda janela da frente. Pensei que agisse da rua, onde Lestrade e seus companheiros o esperavam. A não ser por isso, tudo ocorreu conforme eu supusera.

O coronel Moran voltou-se para o detetive oficial.

- O senhor pode ou não ter motivos para me prender - disse ele. - Mas, pelo menos, não há razão para que eu me submeta às ironias desta criatura. Se é que estou nas mãos da lei, que tudo se faça legalmente.

- Pois bem, é razoável - concordou Lestrade. - Tem alguma coisa a acrescentar, sr. Holmes, antes de nos retirarmos?

Holmes apanhara do chão a poderosa espingarda de ar comprimido e examinava-lhe o mecanismo.

- Arma única e admirável - disse ele. - Silenciosa e muito poderosa. Conheci Von Herder, o mecânico alemão, cego, que a construiu por ordem do falecido professor Moriarty. Há anos que sei da sua existência, embora jamais tenha tido oportunidade de manejá-la. Chamo sua atenção para ela, Lestrade, assim como para suas balas.

- Pode ficar certo de que cuidaremos disso, sr. Holmes - disse Lestrade, dirigindo-se com os outros para a porta. - Mais alguma coisa?

- Queria lhe perguntar apenas qual vai ser a acusação.

- A acusação? Mas, naturalmente, tentativa de morte contra o sr. Sherlock Holmes - respondeu o detetive.

- Nada disso, Lestrade. Não quero figurar no caso. A você, e somente a você, pertence a glória da extraordinária prisão que efetuou. Sim, Lestrade, dou-lhe os parabéns! Com a sua habitual mistura de audácia e sagacidade, apanhou-o.

- Apanhei-o! Apanhei quem, sr. Holmes?

- O homem que toda a polícia em vão procurou: o coronel Sebastian Moran, que matou o honorável Ronald Adair, servindo-se de uma espingarda de pressão, usando bala explosiva, que varou a janela da frente, no segundo andar do número 427 da Park Lane, no dia 30 do mês passado. É essa a acusação, Lestrade. E agora, Watson, se estiver disposto a suportar a corrente de ar devido à janela quebrada do meu escritório, creio que meia hora de prosa, fumando um charuto, vai diverti-lo.

Nossos antigos aposentos não tinham sido modificados, graças à supervisão de Mycroft e aos cuidados da sra. Hudson. Quando entrei, é verdade que vi uma ordem fora do comum, mas as velhas marcas estavam nos seus antigos lugares. A mancha de ácido, na mesa. Numa estante, uma fileira de formidáveis cadernos de apontamentos e livros de referências que muitos cidadãos teriam tido prazer em queimar. Os diagramas, a caixa do violino, a prateleira dos cachimbos, até a mesma bolsa persa de tabaco feriram o meu olhar, quando examinei a sala. Havia dois ocupantes: a sra. Hudson, toda sorridente, e o estranho boneco que tivera parte tão importante nos acontecimentos da noite. Era um modelo em cera colorida, réplica perfeita do meu

amigo. Estava numa mesinha, vestido com um velho roupão de Holmes, arranjado com tal arte que da rua a ilusão fora completa.

- Espero que tenha tomado todas as precauções, sra. Hudson - disse Holmes.

- Fui de joelhos, exatamente como o senhor me recomendou.

- Ótimo. Deu muito bem conta do recado. Viu onde entrou a bala?

- Sim, senhor. Receio que tenha estragado o seu belo busto, pois perfurou a cabeça, indo bater na parede. Apanhei-a no tapete. Aqui está!

Holmes mostrou-me a bala.

- Bala de ponta mole, como vê, Watson. Idéia genial... pois quem iria pensar que saíra de uma espingarda de ar comprimido? Muito bem, sra. Hudson, fico-lhe muito grato. E agora, Watson, quero vê-lo na sua antiga poltrona mais uma vez, pois há vários pontos que desejaria discutir com você.

Ele despira o casaco velho, voltando a ser o Holmes de outros tempos, metido no roupão cinzento que tirara do boneco.

- O velho *shikari* continua de nervos sólidos e os olhos não perderam a agudeza - disse ele, rindo, enquanto examinava a testa da efígie.

Continuou:

- Bem no meio da nuca. Ele era o melhor atirador da Índia, e creio que há poucos que se igualem a ele em Londres. Conhecia-o de nome?

- Não, não o conhecia.

- Bom, bom, é assim a fama! Mas, se bem me lembro, você também desconhecia o professor Moriarty, uma das maiores cabeças do século. Faça o favor de me dar meu índice de biografias, aí nessa prateleira.

Virou as páginas preguiçosamente, recostado na poltrona e tirando baforadas do charuto.

- Minha coleção, no *M*, é extraordinária - disse ele. - Moriarty sozinho bastaria para tornar essa letra ilustre, e aqui temos Morgan, o envenenador; e Merridew, de triste memória; e Mathews, que me quebrou o canino esquerdo na sala de espera de Charing Cross; e, finalmente, nosso amigo de hoje à noite.

Entregou-me o livro, e eu li: "Moran, Sebastian, coronel. Desempregado. Pertenceu ao l. Bengalore Pioneers. Nascido em Londres, em 1840. Filho de Sir Augustus Moran, C. B., antigo ministro britânico na Pérsia. Educado em Eton e Oxford. Serviu na Campanha de Jowaki, na Campanha do Afeganistão, em Charasiab (despachos), em Sherpur

e em Cabul. Autor de *Jogo pesado no Himalaia ocidental*, 1881; *Três meses na selva*, 1884. Endereço: Conduit Street. Clubes: Anglo-Indiano, Tankerville e Bagatelle”.

Na margem estava escrito, com a letra clara de Holmes: “Em segundo lugar, entre os homens mais perigosos de Londres”.

- Extraordinário - observei, devolvendo-lhe o livro. - Carreira de um honrado militar.

- É verdade - respondeu Holmes. - Até certo ponto, portou-se bem. Sempre teve nervos de aço, e, na Índia, ainda contam como se arrastou por um escoadouro, atrás de um tigre perigoso. Há árvores, Watson, que crescem normalmente até certo ponto e, depois, apresentam uma anomalia. O mesmo acontece com as criaturas. Tenho uma teoria pela qual o indivíduo representa, no seu desenvolvimento, toda a procissão de antepassados, e a inclinação para o bem ou para o mal significa qualquer forte influência que vem da sua linhagem. Dessa forma, essa pessoa se torna o resumo da história da família.

- É de fato interessante.

- Bom, não garanto nada. Seja qual for a causa, o coronel Moran começou a agir mal. Embora não se

metesse em nenhum escândalo, tornou-se indesejável na Índia. Aposentou-se e veio para Londres, onde também adquiriu mau nome. Foi então procurado pelo professor Moriarty, tornando-se seu ajudante-de-ordens. Moriarty dava-lhe bastante dinheiro e servia-se dele apenas num ou noutro trabalho de responsabilidade, que não confiaria a um criminoso vulgar. Talvez você se lembre da morte da sra. Stewart, de Lauder, em 1887. Não? Pois bem, tenho certeza de que Moran estava metido nisso, mas nada ficou provado. Ele agiu com tanta esperteza que, mesmo quando o bando foi preso, nada se provou contra ele. Lembra-se daquela ocasião em que fui visitá-lo, Watson, e em que fechei as venezianas, com medo de espingardas de ar comprimido? Com certeza achou que eu tinha excesso de imaginação. Pois eu sabia exatamente o que estava fazendo, já que tinha conhecimento da existência dessa arma extraordinária e também de que um dos maiores atiradores do mundo estaria atrás dela. Quando estivemos na Suíça, ele nos seguiu, com Moriarty, e não há dúvida de que foi Moran quem me fez passar aquele mau quarto de hora nas quedas de Reichenbach.

“Deve calcular como li com atenção os jornais, durante a minha estada na França, na esperança de uma oportunidade de apanhá-lo. Enquanto ele estivesse livre, em Londres, minha vida não valeria grande coisa. Noite e dia a sua sombra estaria atrás de mim, e, cedo ou tarde, teria a sua oportunidade. Que poderia eu fazer? Não podia matá-lo sem provocação, pois nesse caso eu é que me veria no tribunal. Não adiantava apelar para a polícia. Ela só age quando há forte suspeita. Sendo assim, eu nada poderia fazer. Mas continuava a acompanhar as notícias de crimes, sabendo que cedo ou tarde o apanharia. Veio então a morte de Ronald Adair. Finalmente tinha a minha oportunidade! Sabendo o que sabia, poderia duvidar de que o culpado fosse o coronel Moran? Ele jogara com o rapaz; seguira-o, ao sair do clube; alvejara-o pela janela aberta. Não havia dúvida. As balas bastarão para levá-lo à forca. Vim para Londres imediatamente. Fui visto, ao entrar em casa, pela sentinela, que daria parte da minha presença ao coronel, disso eu tinha certeza. Ele não deixaria de ligar a minha súbita volta ao seu crime e ficaria grandemente alarmado. Fiquei certo de que ele procuraria me eliminar *imediatamente*, e que traria sua perigosa arma. Preparei-lhe um bom alvo, na janela, e, avisando a polícia da provável

necessidade de interferência (a propósito, Watson, você notou a presença dos dois detetives com grande perspicácia), vim para o que considerei um bom posto de observação, nem de longe suspeitando de que também ele escolheria esse local. Meu caro Watson, precisa de mais explicações?"

- Preciso - respondi. - Você não explicou o motivo que Moran tinha para assassinar Ronald Adair.

- Ah, caro Watson, chegamos agora ao reino das conjecturas, onde a mente mais lógica pode falhar. Cada qual poderá formar a sua hipótese, de acordo com as provas, e a sua poderá ser tão correta como a minha.

- Você tem uma opinião formada, então?

- Creio que não é difícil explicar os fatos. Ficou provado, no inquérito, que Adair e Moran ganharam grande quantia no jogo. Agora, com certeza Moran trapaceou, como sei que várias vezes tem feito. Creio que, no dia do crime, Adair descobriu que o outro andava roubando no jogo. Provavelmente falou com ele em particular e ameaçou denunciá-lo, a não ser que pedisse demissão do clube e prometesse não jogar mais. Seria improvável que uma pessoa tão jovem como

Adair provocasse imediatamente um escândalo expondo um homem muito conhecido e muito mais velho do que ele. Certamente agiu como imaginei. A expulsão de um clube significaria a ruína para Moran, que vivia de jogo desonesto. Portanto, matou Adair, que na ocasião tentava calcular quanto deveria devolver, já que não queria lucrar com a desonestidade do parceiro. Ele fechou a porta, para que a mãe e a irmã não o surpreendessem e quisessem saber o que significavam aqueles nomes e algarismos. Acha viável a teoria?

- Não duvido de que seja essa a verdade.

- No julgamento será esclarecido. Entretanto, o coronel Moran não mais nos importunará, a famosa espingarda de Von Herder irá embelezar o Museu da Scotland Yard e Sherlock Holmes está de novo livre, para dedicar seu tempo ao exame dos interessantes problemazinhos que a vida complexa de Londres tão freqüentemente apresenta.